



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA
O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
NA UNIVERSIDADE DE HUNAN**

**O FIM DA CERTEZA: A IMPORTÂNCIA DA
SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL NUM TEMPO DE
MUDANÇA E RUTURA**

Universidade de Hunan, China

15 de abril de 2025

Magnífico Reitor
Senhoras e Senhores
Caros Alunos,

É uma grande honra dirigir-me a vós hoje neste ilustre local de ensino, a Universidade de Hunan.

A Universidade de Hunan é uma das mais antigas e prestigiadas instituições de ensino superior da China. Como sabem, a universidade tem as suas origens na Academia de Yuelu, fundada em 976 d.C., durante a Dinastia Song. Desde então, a Universidade de Hunan tornou-se um símbolo da tradição intelectual chinesa. Um espaço onde, ao longo de séculos, estudiosos debateram filosofia, literatura, ética e governação.

Desde a fundação da República Popular da China, em 1949, a Universidade de Hunan tem dado um contributo político e intelectual significativo para a formação da China moderna. O seu espírito revolucionário e o incentivo ao pensamento transformador desempenharam um papel importante na ascensão da vossa grande nação.

Num tempo de incerteza e de rutura, as universidades são mais essenciais do que nunca. Mais do que meros locais de formação profissional e aprendizagem, são também espaços de reflexão profunda e pensamento crítico sobre as grandes questões do nosso tempo. Sobre como podemos conhecer a verdade, sobre o significado da vida e de como devemos viver, sobre que tipo de sociedade queremos construir e como devemos organizar a comunidade internacional.

As universidades são santuários do pensamento revolucionário, do questionar da sabedoria estabelecida e da definição de caminhos para o progresso num mundo cada vez mais complexo.

A Universidade de Hunan encarnou este espírito. Produziu pensadores e líderes influentes que ajudaram a moldar a vida intelectual e nacional da China.

Estabeleceu também fortes laços com instituições de todo o mundo, contribuindo para o diálogo global e promovendo o conhecimento além-fronteiras.

E é com satisfação que constato que o envolvimento global da Universidade de Hunan se estende agora a Timor-Leste.

Muitos dos presentes talvez não conheçam muito sobre o nosso país ou a sua história. A história de Timor-Leste é uma história de sacrifício na luta pela autodeterminação. E também de reconciliação, para seguir com a construção da paz e do Estado.

Os portugueses chegaram ao nosso país em 1515 e, com o tempo, consolidaram o domínio colonial. Com exceção de um período de ocupação japonesa durante a Segunda Guerra Mundial, o domínio português manteve-se até 1975, quando a Revolução dos Cravos levou Portugal a abandonar as suas colónias. A 28 de novembro de 1975, os timorenses proclamaram a independência.

Temendo o estabelecimento de um Estado comunista nas suas fronteiras, a Indonésia invadiu Timor-Leste nove dias depois. A invasão e os subseqüentes 24 anos de ocupação ilegal foram apoiados pelo Ocidente.

Os timorenses resistiram. Coube-me a mim liderar um exército de resistência corajoso nas montanhas e vales do nosso país. Porém, estávamos isolados e sós, abandonados por grande parte do mundo. Éramos um pequeno país, a lutar contra uma potência regional equipada com armas modernas fornecidas pelo Ocidente.

Cerca de um terço da nossa população morreu em resultado do conflito.

E no entanto, apesar de termos atravessado os tempos mais sombrios, o povo timorense nunca desistiu do sonho de autodeterminação.

Durante a ocupação, mantivemos uma fé firme no direito internacional. Embora estivéssemos conscientes de que nunca poderíamos derrotar militarmente a Indonésia, sabíamos que o direito internacional estava do nosso lado. A nossa resistência contou também com o apoio de grupos de solidariedade em todo o mundo, e levámos por diante uma diplomacia assente na paciência e na determinação.

Ganhámos esperança quando o regime de Suharto caiu, após os impactos da crise financeira asiática na Indonésia. O novo Presidente indonésio, B. J. Habibie, concordou em permitir que os timorenses votassem sobre o seu futuro.

Em agosto de 1999, os timorenses exerceram com coragem o seu direito à autodeterminação e votaram massivamente a favor da independência. A 20 de maio de 2002, Timor-Leste renasceu como nação independente e soberana.

Desde o início, a nossa nova nação deu prioridade à reconciliação com a Indonésia. Compreendíamos que o sucesso do nosso pequeno país dependia da amizade e cooperação com os nossos vizinhos e do apoio da comunidade internacional.

A nossa caminhada desde então não tem sido fácil e continuamos a ser um Estado frágil. Apesar disso, estamos a construir o nosso Estado e a trabalhar para responder às necessidades do nosso povo.

Conto-vos a nossa história não apenas para que fiqueis a conhecer o nosso país, como também para partilhar as lições que aprendemos com a nossa luta.

Aprendemos a importância do diálogo e da solidariedade internacional para alcançar a paz.

Aprendemos que sem paz não pode haver desenvolvimento, e que sem desenvolvimento não pode haver paz.

E aprendemos que o direito internacional, o multilateralismo e a cooperação são cruciais para um mundo seguro e próspero.

Caros estudantes,

Timor-Leste não está sozinho nas lições que retirou do passado. Outros países frágeis viveram igualmente conflitos e lutam agora para consolidar as suas instituições e proporcionar desenvolvimento aos seus povos.

Para muitos desses países, a promessa do desenvolvimento parece inalcançável, numa economia global que aprofunda a desigualdade extrema. Ao recusar reconhecer esta realidade, tornou-se evidente que o Ocidente esgotou as respostas para combater a pobreza global.

No entanto, os países frágeis continuam sujeitos a decisões tomadas por nações poderosas – países que há muito ditam como os outros devem ser governados. O legado do colonialismo ocidental está profundamente enraizado nas estruturas e pressupostos das relações internacionais.

Isto inclui a ajuda e o desenvolvimento internacional, que em muitos casos deixaram de ser parcerias genuínas para se tornarem instrumentos de influência – uma continuação de dinâmicas desiguais, agora exercidas através de orçamentos e indicadores.

Foi por isso que Timor-Leste se juntou a outros 19 Estados para fundar o grupo de países frágeis g7+. O g7+ constitui uma plataforma de solidariedade que permite às nossas nações falar a uma só voz junto da comunidade internacional, exigindo a apropriação dos nossos percursos de desenvolvimento e o reconhecimento dos desafios únicos que enfrentamos na construção de Estados resilientes e de uma paz duradoura.

Na semana passada, os países do g7+ reuniram-se em Díli para assinalar o 15.º aniversário do grupo e refletir sobre o trabalho que este tem desenvolvido na defesa de uma política internacional mais inclusiva e eficaz.

O compromisso de Timor-Leste com a solidariedade regional e global é também o motivo pelo qual apresentámos a nossa candidatura à ASEAN, a Associação das Nações do Sudeste Asiático. A ASEAN usa a cooperação internacional para promover a paz, a segurança e a prosperidade na nossa região e para além dela.

E no ano passado, Timor-Leste tornou-se membro de pleno direito da Organização Mundial do Comércio, porque acreditamos que um sistema global de comércio baseado em regras é essencial para a paz e o desenvolvimento partilhado.

Neste caminho, temos olhado para a China.

A economia chinesa é hoje 14 vezes maior do que era em 2001, quando o país aderiu à Organização Mundial do Comércio. A escala do desenvolvimento da China retirou centenas de milhões de pessoas da pobreza e transformou tanto a economia global como a ordem geopolítica.

As conquistas da China em infraestruturas, inovação e tecnologia são extraordinárias. Mesmo só desde o início do ano, a China tem alcançado avanços na inteligência artificial, nos veículos elétricos, na tecnologia de baterias e na exploração espacial.

Para muitos países, especialmente os países em desenvolvimento, o comércio com a China é um fator determinante de desenvolvimento e de redução da pobreza.

A China é atualmente o maior parceiro comercial de mais de 120 países. Este comércio gera empregos, apoia a indústria e proporciona acesso a infraestruturas e tecnologia.

Com o crescimento do poder económico da China, cresceu também o seu papel na cooperação internacional. A China é uma voz central em fóruns multilaterais, incluindo as Nações Unidas, o G20 e a OMC, e oferece financiamento para o desenvolvimento através da “Iniciativa Uma Faixa, Uma Rota”, permitindo a muitos países construir infraestruturas essenciais.

Importa sublinhar que a China tem defendido o desenvolvimento inclusivo, apoiando o princípio de que todos os países devem ser livres de moldar o seu próprio futuro, sem serem forçados a escolher entre potências em confronto.

Num tempo de divisão e incerteza global, esta abordagem oferece uma alternativa baseada no respeito mútuo, na cooperação prática e no reconhecimento da soberania.

Caros alunos,

Estamos a entrar numa nova era de incerteza global, de disrupção e de mudança.

As forças que impulsionam esta mudança vêm-se acumulando lentamente ao longo de muitos anos.

Em 2003, assistimos à invasão do Iraque, numa clara violação do direito internacional.

Em 2008, a crise financeira global expôs a falência moral dos poderosos que controlam a economia internacional e permitiram que a desigualdade crescesse sem controlo.

A pandemia da COVID-19 revelou o egoísmo das nações e o mito da cooperação, quando o Ocidente acumulou as vacinas e os países mais pobres foram deixados para trás.

E, desde 2023, temos assistido, uma vez mais, ao desprezo pelo direito internacional em Gaza e ao sofrimento intolerável do povo palestino.

Embora as forças de disrupção tenham vindo a acumular-se lentamente, a mudança chega agora de forma repentina.

Estamos a assistir ao colapso dos sistemas jurídico, económico e comercial internacionais que moldaram o mundo desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Ao iniciar uma guerra comercial internacional, os Estados Unidos estão a abandonar a cooperação global e a ameaçar o mundo com uma recessão económica.

Como sempre acontece em tempos de turbulência, são os mais pobres que sofrem mais, incluindo amigos da nossa região. Com as tarifas americanas mais elevadas propostas para os países do Sudeste Asiático e do Pacífico, serão as nações pequenas e em desenvolvimento que terão de suportar o peso mais pesado, através da perda de comércio e investimento, do aumento dos preços de bens essenciais e do desaparecimento de empregos.

Isto deixará as comunidades já vulneráveis com menos recursos para enfrentar os choques climáticos, gerir o endividamento e investir no desenvolvimento e no bem-estar humano.

Lamentavelmente, estas ações estão a prejudicar a confiança, a cooperação e o desenvolvimento internacionais. De forma abrupta, enfrentamos agora a possibilidade de um mundo fragmentado e reordenado.

Caros estudantes,

Neste tempo de mudança, devemos trabalhar juntos para construir um novo modelo de solidariedade e cooperação internacional.

No mundo interligado de hoje, precisamos de um compromisso renovado com o multilateralismo, para que os países possam unir-se e desenvolver respostas comuns aos desafios globais.

Devemos ultrapassar a dinâmica antiga, onde os fortes impunham regras que aplicavam apenas aos outros. Devemos ultrapassar um modelo movido por interesses egoístas e concentrar-nos nas necessidades dos vulneráveis e na proteção da dignidade humana.

E devemos reconhecer que os países frágeis não são países falhados. São nações com potencial e devem ter a oportunidade de se desenvolver segundo o seu próprio contexto, experiência e prioridades.

Num mundo reordenado, devemos construir uma economia global que seja inclusiva e justa. Que ao invés de aprofundar a desigualdade, permita que os países menos desenvolvidos prosperem nos seus próprios termos.

Precisamos de novas certezas. A certeza do diálogo – de que continuaremos a conversar, mesmo quando discordamos. A certeza do respeito – de que todas as nações, por mais pequenas que sejam, têm lugar e voz. A certeza da tolerância – de que a diversidade e a diferença não são ameaças, mas sim forças que nos beneficiam a todos.

Neste período de disrupção e mudança, precisamos de uma solidariedade global que reconheça que os nossos futuros estão interligados.

Estudantes, as certezas do passado desapareceram. Por isso, voltamo-nos para vós, para que ajudeis a construir um mundo mais justo, mais seguro e mais cooperativo.

A China terá um papel de liderança na formação deste futuro. No comércio, no desenvolvimento, no crescimento económico e na governação global. Liderará com avanços na tecnologia e na engenharia que hoje apenas conseguimos imaginar.

Ao conduzir esta mudança, exorto-vos a fazê-lo com esperança, confiança e união.

Afinal, só apenas através da confiança, da cooperação e da solidariedade internacional poderemos construir um futuro que sirva todos os povos e todas as nações, no melhor interesse da nossa humanidade comum.

E tudo isto significa:

Uma comunidade com um futuro partilhado entre países vizinhos – como a Província de Hunan está a demonstrar a Timor-Leste, através de ações concretas de solidariedade!

Xie Xie
Muito obrigado.